



A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NO AMBIENTE HOSPITALAR

Ligeany F. de Alencar Moraes (Graduanda/UESB)

Ana Elizabeth Santos Alves (Professora/UESB)¹

Resumo

Neste artigo, procuramos analisar de que forma a atuação do pedagogo no contexto hospitalar pode ajudar no processo de formação da criança, e com isso, contribuir para a reconstrução da identidade social, auxiliando-a na vida escolar. A metodologia utilizada na pesquisa foi a abordagem qualitativa, uma vez que explora um universo de conhecimentos, significações, experiências e atitudes que se interagem no espaço hospitalar, na qual pode ser observada uma educação que viabiliza humanização. Realizamos observações e entrevistas no Hospital São Vicente da cidade de Vitória da Conquista, BA. O estudo conclui que “A formação da criança no ambiente hospitalar” abre perspectivas para construir novos conhecimentos e ampliar novos horizontes aos educandos, tendo em vista as múltiplas possibilidades da atuação do pedagogo na sociedade.

Palavras-chave: Ambiente Hospitalar. Criança Hospitalizada. Educação. Formação. Pedagogia Hospitalar.

Este trabalho, intitulado “A formação da criança no ambiente hospitalar” busca analisar de que maneira o pedagogo pode atuar no ensino-aprendizagem e preservar o vínculo entre o processo educativo da criança, executando seu papel transformador da realidade presente.

Pensando nisso, é que o ponto de partida do estudo remeteu-se à seguinte indagação: De que forma a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar pode contribuir para a formação de crianças por meio de uma prática pedagógica diferenciada?

Na tentativa de responder essa indagação, tivemos como referencial teórico autores como Elisete Lúcia Matos e Margarida Mugiatti (2006) que abordam a Pedagogia Hospitalar como sendo o desenvolvimento de ações educativas em benefício da criança internada.

¹ Esta comunicação é resultado do trabalho monográfico de conclusão do curso de Pedagogia, da UESB, tendo como orientadora a prof. Dra Ana Elizabeth Santos Alves.



Autores como Paulo Freire (1996), Dermeval Saviani (2008), Moacir Gadotti (2006), Rejane de Souza Fontes (2005), dentre outros, foram essenciais para a construção da pesquisa.

Nesse sentido, foi possível o contato direto com o hospital e a formação da criança nesse ambiente.

Em relação ao caminho metodológico, os dados coletados foram levantados segundo a modalidade de pesquisa qualitativa, com a finalidade de extrair os significados visíveis e latentes que são perceptíveis numa pesquisa como essa. No que diz respeito aos procedimentos técnicos de investigação, realizamos observações e entrevistas com a pedagoga, funcionárias e mães do Hospital São Vicente da cidade de Vitória da Conquista, BA.

Numa visão otimista a concretização deste trabalho tem cunho significativo, que procura sinalizar a necessidade de um pedagogo no ambiente hospitalar bem como as necessidades educativas do escolar enfermo, permitindo ao mesmo a valorização de seus direitos à educação e à saúde.

Nesse sentido, por meio da educação, o indivíduo é instigado a pensar sobre questões morais, sociais, culturais, econômicas, políticas, dentre outros aspectos fundamentais para a construção de um ser que esteja engajado na modificação do mundo no qual ele está inserido.

A educação, segundo Thomaz e Oliveira (2012), precisa estar voltada para a cidadania que propicia uma formação que promove a compreensão, a tolerância, a solidariedade e o respeito à diversidade social e cultural, assim como a participação nos destinos do meio em que vive.

Em relação a educação no ambiente hospitalar, sua importância surge no período da Segunda Guerra Mundial, devido ao grande número de crianças e adolescentes atingidos, mutilados e sem possibilidades para ir à escola. Muitos médicos, religiosos e voluntários se engajaram na criação de um espaço dentro do hospital para dar continuidade ao processo educativo dessas crianças e adolescentes. Essa atividade foi então difundida por toda a Europa e o pedagogo passou a ser um fator importante nesse processo de continuidade aos estudos das crianças enfermas (ANDRADE, 2010).



De acordo com Fonseca e Ceccim (1999) a partir da segunda metade do século XX se observou na Inglaterra e nos Estados Unidos que os orfanatos, asilos e instituições que prestavam assistência às crianças não respeitavam alguns aspectos básicos referentes ao desenvolvimento emocional por não haver um atendimento mais completo. Nesse sentido, chegou-se a conclusão de que essas falhas traziam riscos de seqüelas para a vida adulta, e que estas poderiam evoluir para doenças psiquiátricas. Foi então que surgiu a iniciativa de implementar experiências educativas para crianças e jovens internados em instituições hospitalares. Com o passar dos tempos, essa iniciativa foi também implementada em hospitais brasileiros, com o mesmo objetivo.

No Brasil, em 1950, na cidade do Rio de Janeiro, o Hospital Municipal Jesus foi o primeiro a desenvolver atividades em ambiente hospitalar, que está em funcionamento até os dias de hoje. Tornou-se referência nacional no âmbito da educação especial. Foi somente a partir da publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990) que houve o reconhecimento oficial desta atividade dentro das instituições de saúde pública em nosso país. Segundo o Estatuto, na resolução nº 41 de outubro de 1995, item 9, a criança tem direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar (ANDRADE, 2009).

A pedagogia hospitalar é uma modalidade da Educação Especial que visa ao atendimento pedagógico-educacional, no que se refere às crianças que freqüentam desde a pré-escola até o ensino fundamental. Como ramo da educação tem como objetivo proporcionar à criança e ao adolescente uma recuperação mais aliviada, através de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas. Além disso, atende a legislação constante na LDB, artigo I, e ao ECA, bem como serve para prevenir o fracasso na escola, que nesses casos, é gerado pelo afastamento da rotina escolar. Pretende integrar o doente de maneira eficaz dentro de um ambiente que lhe seja acolhedor e humanizado, sem que este se afaste do contato com a escola, e da mesma forma, privilegie as suas relações sociais e reforce os laços familiares. A



Pedagogia Hospitalar, portanto, é capaz de promover um elo da criança ou do adolescente hospitalizado com o mundo que ficou fora dos muros do hospital.

Nesse contexto, cabe a contribuição de Brandão (2005, p. 7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.

Essa pedagogia diferenciada pretende assegurar à criança hospitalizada o desenvolvimento da linguagem escrita e falada, as aquisições cognitivas e de crescimento físico-corporal e a promoção das forças vitais para a construção de si e de suas relações com o mundo. O pedagogo precisa tornar-se um agente de mudanças na produção do conhecimento, com vistas à formação de consciência crítica de todos os envolvidos. Matos e Mugiatti (2009) relatam que:

O educador, como partícipe da equipe de saúde, tem, portanto, a incumbência de retomar esse papel na sociedade, como agente de mudanças, mediante ações pedagógicas integradas, em contextos de educação informal, com vistas à formação de consciência crítica de todos os envolvidos, numa atuação incisiva, na reestruturação dos sistemas vigentes para uma nova ordem superior. (MATOS E MUGIATTI, 2009, p. 24).

A Pedagogia Hospitalar tem, na visão de Matos e Mugiatti (2009), caráter formativo que aglutina princípios gerais da educação, que seria o princípio da autonomia que tem como finalidade propiciar à criança tomada de decisões, elaboração, execução e manutenção do projeto de vida pessoal.

A pedagogia hospitalar tem como objetivo manter e potencializar os hábitos próprios da educação intelectual e da aprendizagem de que necessitam crianças/adolescentes em idade escolar, mediante atividades desenvolvidas por pedagogos em função docente. (FREIRE *apud* MATOS e MUGIATTI, 2009, p. 68).



Por esta razão, é fundamental um projeto pedagógico que permita de forma efetiva a intencionalidade do educador, que neste caso é a formação da criança, como um cidadão participativo, crítico, compromissado, responsável e criativo, sempre tendo como base a realidade de cada criança. Dessa forma, o pedagogo pode reforçar a capacidade de autonomia da criança no processo de aprendizagem.

A inserção da pedagogia no espaço hospitalar não pode ser dissociada de um projeto pedagógico adequado. A relação homem-realidade, homem-mundo, sempre implica em transformação. Conforme se estabelecem estas relações, o homem pode ter ou não condições objetivas para o pleno exercício da maneira humana de existir. O fundamental, contudo, é que a realidade é sempre criação dos homens e não pode, por ser histórica, tais quais os homens que a criaram, transformar-se por si só. E os homens que criaram esta realidade são os mesmos que também podem transformá-las. (MATOS E MUGIATTI, 2009, p. 83-84).

A pedagogia hospitalar é um suporte sóciopedagógico que integra tanto escola quanto família e assim, não isola o paciente escolar, mas o apóia pedagogicamente na sua condição de doente.

Nessa perspectiva, Matos e Mugiatti (2009) descrevem:

A ação pedagógica em hospitais pediátricos nasce de uma convicção de que uma criança e o adolescente hospitalizados, em idade escolar, que não devem interromper, [...], seu processo de aprendizagem, seu processo curricular e educativo. Trata-se de estímulo e da continuidade dos seus estudos, a fim de que não percam seu curso e nem se convertam em repetentes, ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem, assim dificultando, conseqüentemente, a recuperação de sua saúde. A necessidade de continuidade, exigida pelo processo de escolarização, é algo tão notório que salta à vista dos pais, professores e mesmo das próprias crianças e adolescentes. (MATOS e MUGIATTI, 2009, p. 68).

Fontes (2008) descreve a Pedagogia Hospitalar como “[...] uma proposta diferenciada da Pedagogia tradicional, uma vez que se dá no âmbito hospitalar e que busca construir



conhecimentos sobre esse novo contexto de aprendizagem que possam contribuir para o bem da criança enferma”.

A autora afirma que segundo as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, classe hospitalar é “serviço destinado a prover, mediante atendimento especializado, a educação escolar a alunos impossibilitados de freqüentar as aulas em razão de tratamento de saúde, que implique internação ou atendimento ambulatorial”.

Nessa perspectiva, Carvalho (2011) salienta que

o contato com escolarização em ambiente hospitalar faz do hospital uma agência educacional para que se desenvolvam atividades que permitam à criança a construção de um percurso cognitivo, emocional e social para manter uma ligação com a vida familiar e a realidade no hospital. (CARVALHO, 2011, p. 15).

Por isso dizer que a classe hospitalar tem que ser um ambiente acolhedor, diferenciado, alegre e aconchegante, que tenha jogos, brinquedos, com estimulações visuais que possam chamar a atenção da criança. É nesse ambiente que a criança poderá ser acompanhada por um pedagogo hospitalar, e assim, poderá ocorrer a diminuição do risco de comprometimento mental, emocional e físico desse aluno-paciente.

Fonseca (1999) declara:

A classe hospitalar ratifica e afirma o acesso da criança ou adolescente aos direitos de cidadania relativos à saúde e à educação, conforme estipulam a Constituição Nacional, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei Orgânica da Saúde e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em que o atendimento a saúde deve ser integral (promoção, prevenção, recuperação, reabilitação e educação de saúde) e a educação escolar. (FONSECA *apud* CARVALHO, 2011, p. 15).

Fontes (2008) relata que em 2001, com a instituição das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), o Conselho Nacional de Educação - CONADE, pela primeira vez, após a publicação da LDB 9394/96, sinaliza o atendimento educacional a crianças em tratamento de saúde que implique internação hospitalar. Neste



documento o Ministério da Educação – MEC indica a ação integrada entre os sistemas de ensino e saúde, através de classes hospitalares, na tentativa de dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças hospitalizadas. (FONTES, 2008, p. 73-74).

No que diz respeito à educação hospitalar, Fontes (2008) ainda aborda que em dezembro de 2002, o MEC publicou o documento intitulado Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar (BRASIL, 2002), com o objetivo de estruturar ações de organização do sistema de atendimento educacional fora do ambiente escolar, promovendo a oferta de atendimento pedagógico voltado para o desenvolvimento e a construção do conhecimento referente à educação básica. (FONTES, 2008).

É importante que a classe hospitalar, como espaço educativo seja construído por meio de uma ação dialógica que possibilite a troca de informações e com isso, desenvolva uma efetiva aprendizagem entre os sujeitos, paciente e pedagogo.

Sendo assim, a humanização precisa fazer parte da vida do educador que anseia formar nos educandos futuros cidadãos. Freire (1996), nesse sentido, declara que “a prática docente especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética. Se não se pode esperar de seus agentes que sejam santos ou anjos, pode-se e deve-se deles exigir seriedade e retidão”.

Dessa forma, Saviani (2008) descreve:

Quando consideramos a concepção humanística moderna, cuja filosofia da educação não supõe o homem como uma essência universal, mas entende que os homens devem ser considerados na sua existência real, como indivíduos vivos que se diferenciam entre si, notamos que a teoria da educação deverá dar conta das diferenças que caracterizam os indivíduos, os quais devem ser considerados nas suas situações de vida e na interação com os outros indivíduos. [...]. [...], a prática pedagógica, [...] irá valorizar a atividade, as experiências, a vida, os interesses dos educandos. (SAVIANI, 2008, p. 78).

O educador hospitalar deve estar aberto às indagações, às curiosidades, às perguntas das crianças que se encontram internadas, uma vez que a presença de um professor no ambiente hospitalar é algo inovador e diferente para elas. Nesse contexto, é importante que o



pedagogo possibilite que a criança se compreenda não apenas como objeto, mas como sujeito também da história, como alguém que segundo Freire (1996) se percebe no mundo, com o mundo e com os outros.

Nesse sentido, o pedagogo deve estar atento a todas as ações praticadas pela criança, independente do ambiente e da situação em que cada uma se encontra. É um ato político, na qual o professor se compromete não somente com a criança, mas também com a sociedade. Gadotti (2006) descreve:

[...] na sala de aula, numa conferência, num grupo popular, no partido, você não deixa de ser educador, é educador em todo lugar, este é um trabalho que não se faz especializadamente. Não existe especialista em educação, existe educador ou não, e uma das características básica é essa paciência, que não é só psicológica, não depende do humor do momento. É uma paciência como postura como política, que acompanha todos os atos, em qualquer situação em que se encontre. (GADOTTI, 2006, p. 41).

O autor, afirma ainda:

Os educadores conscientes, que têm um compromisso político com essa classe, têm a preocupação de saber como se comportar, como ser professor no sentido não-metafísico, ou seja, no sentido do compromisso do professor hoje para com a sociedade, [...]. (GADOTTI, 2006, p. 65 – 66).

Diante desse contexto, percebe-se a importância do pedagogo em estar próximo da criança que se encontra enferma, e assim criar possibilidades para que esta possa interpretar o mundo que a cerca. Angotti (2006) afirma dizendo:

O papel da educação e do educador infantil concretiza-se no ideal de recuperação da infância perdida nos tempos modernos para inserir a criança no mundo do conhecimento, na condição de ser alfabetizada na leitura do mundo, na leitura interpretativa de tudo o que está ao seu redor sem perder a natureza, a magia, a fantasia, o mundo maravilhoso do ser criança e propiciar-lhe desenvolvimento integral, seguro e significativo. (ANGOTTI, 2006, p. 18).



Por meio da educação, a criança é revigorada em sua autonomia e desse modo, consegue tomar decisões tanto para a vida presente quanto para o futuro.

A missão da educação para a era planetária é fortalecer as condições de possibilidades da emergência de uma sociedade-mundo composta por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária. A resposta à pergunta circular de Karl Marx, em suas teses sobre Feuerbach: “Quem educará os educadores?”, consiste em pensar que em diferentes lugares do planeta, sempre existirá uma minoria de educadores, animados pela fé na necessidade de reformar o pensamento e em regenerar o ensino. São educadores que possuem um forte senso de sua missão. (MORIN *apud* MATOS e MUGIATTI, 2009, p. 99).

O delineamento acima citado faz-nos refletir sobre as intenções e ações pedagógicas também no contexto hospitalar, principalmente no que se refere à formação da criança. O pedagogo, no entanto, não pode separar a educação da saúde acreditando que a educação seja o elemento fundamental para a vida humana, pois assim estaria negligenciando as inúmeras crianças que se encontram doentes, afastadas no convívio escolar.

Nesse sentido, o profissional da pedagogia hospitalar precisa dosar esses dois aspectos, saúde e educação, uma vez que ambos sendo cuidadosamente trabalhados emergirão na sociedade.

Assim sendo, a pesquisa de campo realizada no ambiente hospitalar permitiu identificar na prática da pedagoga da instituição, que onde residem ações pedagógicas a educação acontece. Nas observações evidenciamos que a pedagoga buscava orientar sempre as crianças acamadas para o processo de aprendizagem, fazendo com que elas se vissem como sujeitos da aprendizagem, e assim se auto-avaliavam e se tornavam cada dia mais críticas.

Durante os momentos da realização de atividades lúdicas como, por exemplo, a "rodinha de conversa era possível perceber que as crianças relatavam os acontecimentos ocorridos na pediatria e refletiam dando sugestões sobre alguma coisa que as inquietavam. Uma das crianças descreveu uma situação que a enfermeira veio aplicar um remédio na sua veia e prontamente ela falou que não estava mais tomando medicamento, pois estava



esperando a visita do médico. Nesse momento, a enfermeira olhou o prontuário e retornou para o posto, dizendo que a criança estava certa. Após contar sua experiência, ela indagou para a pedagoga e coleguinhas da rodinha: “Já pensou se ela aplica o remédio errado e me mata?”.

Além da rodinha, a pedagoga realiza a hora da leitura, e nesse momento as crianças escutam atentamente a história e ao término elas socializam sobre o que entenderam e depois sugerem novos desfechos para os personagens. Ela acredita que a leitura é um instrumento importante para o êxito da atividade de escrever.

Fica evidente nestas notas acerca da pesquisa, que a pedagoga procura aproximar afetividade, cognição, linguagem, criatividade como elementos constituintes do desenvolvimento humano.

Considerações Finais

A educação humaniza, e por isso, permite ao homem refletir sobre sua condição moral, econômica, política, social, religiosa, dentre outros aspectos. Assim, a educação possibilita ao indivíduo libertar-se da opressão, muitas vezes provocada pela sociedade.

Nessa perspectiva, compreende-se a importância da ação pedagógica nas mais diversas modalidades da prática educativa na sociedade. Diante disso, vale ressaltar que a Pedagogia Hospitalar como modalidade da Educação Especial visa o atendimento pedagógico-educacional que proporcione à criança hospitalizada uma recuperação mais abrangida, continuidade dos estudos e assim promova a construção de novos conhecimentos que o transforme num indivíduo crítico, capaz de gerar mudanças no ambiente em que vive.

Assim, por meio da classe hospitalar, a criança tem a oportunidade de exercer seu direito de escolarização e cidadania. Desse modo, ela encontra subsídios que promova a aprendizagem e a autonomia, que preparará a criança para tomar decisões futuras, e até mesmo dentro do ambiente hospitalar durante o seu período de tratamento.



A experiência no espaço da brinquedoteca irá permitir a visualização de um vasto potencial em nível de realidade e de processo, e assim, tornar-se um ambiente de desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Nesse sentido, cabe dizer que a análise dos fatos pertinentes ao período de vivência na pediatria do Hospital São Vicente foram relevantes e significativos na qual foi possível desbravar novos caminhos e assim, acreditar que a Pedagogia Hospitalar é possível, e para isso é fundamental a presença de uma pedagoga que possa garantir uma “educação diferente”, voltada para a emancipação social capaz de possibilitar autonomia na criança, permitindo que a mesma retorne à escola após o término do tratamento.

Os caminhos apresentados são interessantes para refletirmos sobre a questão da Pedagogia Hospitalar e como esta pode ser fundamental para desenvolver na criança uma formação sólida, respaldada pela unidade entre teoria e prática, assegurando o mínimo necessário para a abordagem dos diversos coletivos que compõem a educação.

Por outro, pode-se dizer que a sociedade está em débito com essas crianças, não sabendo muitas vezes que são seus direitos, saúde e educação, como também seu futuro que estão em jogo. Trata-se, portanto, de uma educação que viabiliza humanização.

Reconhecer a oportunidade de aprendizagem no ambiente hospitalar é compreender os muitos e imensuráveis benefícios à criança hospitalizada, garantindo, portanto, o seu direito à educação.

Será que quebrando as barreiras do tradicional, não estaremos fazendo menção da Educação Libertadora, que permite ao homem construir sua autonomia, ser um agente de transformação e assim, tornar-se um indivíduo livre e consciente de seu papel de cidadão dentro da sociedade?

Sabe-se que a Pedagogia Hospitalar é um assunto que necessita de muitos estudos. Nessa perspectiva, como preencher essas lacunas sem comprometer o objetivo dessa pedagogia no âmbito hospitalar, bem como a concepção de educação que promova a emancipação dos indivíduos?



Dessa forma, consciente do papel transformador da educação torna-se necessário lutar para que crianças hospitalizadas tenham acesso à educação.

Referências

ANGOTTI, Maristela. **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?** Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2005.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. **Lei 8.069, de 13/07/90:** Estatuto da Criança e do Adolescente.

_____. **Ministério da Educação e do Desporto.** Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

Direitos da criança e do adolescente hospitalizados. Disponível em <http://www.somape.com.br/doc_crianças_hosp.pdf>. Acesso em 10 set. 2010.

ESTEVES, R. Cláudia. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico.** 2008. Disponível em <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes-hospitalares/WEBARTIGOS/pedagogia%20hospitalar....pdf>>. Acesso em 24 jun. 2012.



FONSECA, Neumar Gianotti. **A influência da família na aprendizagem da criança**. São Paulo, 1999. Disponível em <<http://www.cefac.br/library/teses/ab197be20bb61cc49ca2e591c0171417.pdf>>. Acesso em 24 ago. 2012.

FONTES, Rejane de Souza. **A Escuta Pedagógica à Criança Hospitalizada**: discutindo o papel da educação no hospital. Revista Brasileira de Educação, nº 29, p. 119 – 138, mai/jul/ago, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia**: diálogo e conflito. 7ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MATOS, Elisete Lúcia Moreira. MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar**: a humanização integrando educação e saúde. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Marques de. FILHO, Vanessa Cristiane de Souza e GONÇALVES, Adriana Garcia. **Classe Hospitalar e a prática da Pedagogia**. Revista científica eletrônica de pedagogia – Ano VI – Número 11 – Janeiro de 2008. Disponível em <<http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes-hospitalares/WEBARTIGOS/classe%20hospitalar%20e%20a%20pratica%20da%20pedagogia.pdf>>. Acesso em 24 jun. 2012.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil**: história e teoria. Campinas, SP. Autores Associados, 2008.



THOMAZ, Lurdes. OLIVEIRA, Rita de Cássia de. **A educação e a formação do cidadão crítico, autônomo e participativo.** 2012. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1709-8.pdf>. Acesso em 04 jul. 2012.